

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTES E COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM PRODUÇÃO CULTURAL

ANETE LOPES SOUZA DE MOURA

AÇÃO CULTURAL E CIDADANIA PARA MAGÉ

NITERÓI
2011

ANETE LOPES SOUZA DE MOURA

AÇÃO CULTURAL E CIDADANIA PARA MAGÉ

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção do
Grau de Bacharel.

Orientador: Professor Hélio Jorge Pereira de Carvalho

Niterói

2011

ANETE LOPES SOUZA DE MOURA

AÇÃO CULTURAL E CIDADANIA PARA MAGÉ

Monografia apresentada ao
Curso de Graduação em
Produção Cultural da
Universidade Federal
Fluminense, como requisito
parcial para a obtenção do
Grau de Bacharel.

Aprovada em dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Hélio Jorge Pereira de Carvalho– Orientador
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Wallace de Deus Barbosa
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. José Maurício de Saldanha Alvarez
Universidade Federal Fluminense

Niterói

2011

“Cultura é considerada como ‘conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças’.” (UNESCO, 2001:1)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida que me concedeu.

A minha família pela compreensão e apoio nas horas difíceis, em especial à minha mãe pelo carinho, e ao meu querido pai que se hoje estivesse aqui sentiria orgulho dessa conquista.

A Taci e Débora Gonçalves por estarem sempre me apoiando e incentivando.

Ao Antônio Rebello por ter me ajudado nas pesquisas, por comungar do mesmo ideal, por ter me dado força e nunca desistir de meu maior sonho.

Ao professor Hélio Jorge Carvalho pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão dessa monografia.

A todos os professores do Curso de Produção Cultural da UFF que contribuíram para a nossa formação intelectual. Para não correr o risco da injustiça, agradeço a todos que de alguma forma colaboraram para a construção desse trabalho.

RESUMO

Essa monografia apresenta os resultados da pesquisa dos patrimônios culturais, materiais e imateriais como elementos representativos da cidade de Magé; documenta percorrendo os séculos até os dias de hoje a origem e a trajetória do município; discute a valorização desses patrimônios e propõe a participação dos moradores em projetos educativos e turísticos como forma de construção e consolidação da identidade cultural da cidade.

Palavras-chave: patrimônio material e imaterial; memória; valorização; ações culturais e identidade.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
-------------------------	---

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DE MAGÉ

1.1 Localização de Magé no Estado do Rio de Janeiro.....	12
1.2 O termo Magé.....	12
1.3 O que é Magé?.....	13
1.4 Um pouco mais sobre a história de Magé.....	14
1.5 Magé atravessa os séculos.....	17
1.6 Controvérsias a parte.....	19
1.7 Os Horrores de Magé.....	19
1.8 Realizações de Magé durante o Império.....	20
1.9 A imaginação se conjuga com a realidade.....	23
1.9.1 <i>Magé: Terra da Mirindiba, a Índia encantada</i>	23
1.9.2 <i>O Poço Bento do Padre José de Anchieta</i>	25
1.9.3 <i>Maria Conga, boicotada e esquecida da nossa história oficial</i>	26
1.9.3 <i>A Santa Milagrosa</i>	27

CAPÍTULO II

O CIDADÃO ATRAVESSA O TEMPO E RECUPERA SUA AUTOESTIMA

2.1 Considerações sobre patrimônio.....	28
2.2 Patrimônio cultural de Magé.....	29
2.3 Pontos turísticos.....	31
2.3.1 Fazenda da Mandioca.....	30
2.3.2 Caminho do Ouro.....	34
2.3.3 Porto de Piedade.....	35
2.3.4 Estrada de Ferro Barão de Mauá.....	35
2.3.5 Serra dos Órgãos.....	38

2.3.6 Igrejas e capelas.....	39
2.4 Festas religiosas e tradicionais.....	45
2.4.1 Data das comemorações religiosas.....	45
2.4.2 Festas populares.....	45
2.5 Curiosidades.....	45
2.5.1 Benjamin Constant, morador de Magé.....	45
2.5.2 Sítios arqueológicos.....	46
2.5.3 Mané Garrinha.....	46

CAPÍTULO III

MAGÉ NA CONTEMPORANEIDADE.....	49
--------------------------------	----

CAPÍTULO IV

POSSIBILIDADES DE AÇÕES E PROJETOS.....	52
5.1 Projeto Mosaico de Cultura.....	55

CONCLUSÃO	57
------------------------	----

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS	58
-----------------------------	----

ANEXOS	
---------------------	--

I - CAPA DO LIVRO - INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE MAGÉ

II - CARTA DE BENJAMIN CONSTANT

III - MONUMENTA

IV- MAPA ATUAL DO MUNICÍPIO DE MAGÉ

V-ENTREVISTAS COM MORADORES DE MAGÉ SOBRE AS AÇÕES CULTURAIS EM MAGÉ

INTRODUÇÃO

A escolha do tema “Magé e seu patrimônio cultural” surgiu da necessidade de refletir a valorização das características culturais do Município, tendo em vista a criação de ações culturais permanentes como princípio básico para o exercício da cidadania. A partir do levantamento desse patrimônio e da sua preservação, o presente trabalho tem o propósito de ser uma introdução ao tema enquanto ação cultural democratizante, além de expressar uma inquietação pessoal.

A cidade de Magé possui muitas fontes que delineiam a criação de uma estratégia de ação cultural. É uma cidade centenária, palco de alguns fatos históricos e pitorescos. É berço de alguns artistas renomados e tem pontos turísticos que se confundem com a própria história de nosso país. Magé já serviu de inspiração para artistas que aqui passaram e dispõe de belezas naturais deslumbrantes e de um povo muito receptivo. Isto é, Magé é de um contexto sócio-histórico-cultural muito rico.

Ao privilegiar essas questões, espera-se dar maior visibilidade aos aspectos e características culturais da cidade de Magé através do resgate da sua história, revelar a identidade dessa população local e criar ações culturais para serem difundidas.

Com o que foi dito acima, o que se procura nesse trabalho é viabilizar em Magé uma atividade no campo da produção cultural em que se exerça a cidadania. Através dessa atividade, o presente trabalho pretende a realização de diversas ações sociais de modo prático e construtivo para a celebração da identidade de Magé e sua transformação social.

Com o conhecimento adquirido no Curso de Produção Cultural, acreditamos que as ações e práticas culturais fortalecem movimentos e despertam as consciências de uma identidade própria do Município. Essa monografia propõe, então, uma reflexão sobre as possibilidades de intervenção e atuação na e da produção cultural, na e da participação de seus cidadãos como co-autores para a preservação e para a democratização da cultura. Dessa forma, a história do Município passa a ser a história de todos, despertando nos cidadãos o sentimento de pertencimento a um mesmo espaço público gerido pela própria comunidade.

Para a realização dessa pesquisa, foram consultados livros, revistas e jornais de Magé, bem como foram assistidos documentários sobre o Município. Tal qual em uma pesquisa etnográfica, foram feitas entrevistas com pessoas da cidade, observado o seu comportamento e levantados os seus pontos turísticos. Também foi possível uma aproximação com os órgãos públicos da cidade.

Para melhor exposição do tema, o presente trabalho está estruturado em quatro capítulos e uma conclusão.

O primeiro capítulo localiza no mapa do Brasil o município de Magé, descreve alguns fatos de sua história, faz o levantamento do patrimônio material e imaterial, alude aos aspectos iconográficos, e transcreve entrevistas e depoimentos sobre mageenses que aqui vivem.

Após apontar as riquezas históricas dos mageenses e seus patrimônios, o segundo capítulo apresenta o atual contexto cultural do Município, fazendo considerações de como utilizar essas edificações para visitas. A iniciativa tem por finalidade manter acesa na memória dos seus cidadãos a importância de um espaço público para os próprios mageenses. O capítulo segue apresentando possibilidades de criação de projetos e ações voltados para as lembranças e informações existentes na literatura e na história oficial do povo de Magé, como uma divulgação didática nas escolas da rede pública de ensino os resultados dessa pesquisa.

O terceiro capítulo aborda as possibilidades de projetos e ações na perspectiva de propostas apresentadas ao Departamento Cultural de Magé como estratégias de acesso à cultura mageense. Para tanto, o papel de um Produtor Cultural é indispensável como agente mediador e fortalecedor de novas possibilidades de consumo de arte para o cidadão. Tais projetos e ações incentivam igualmente um pólo turístico pelos sítios históricos de Magé, promovendo um desenvolvimento econômico para o município.

O quarto capítulo, o “Projeto Mosaico”, consiste em promover o encontro dos distritos (Santo Aleixo, Rio do Ouro, Suruí, Guia de Pacobaíba e Vila Inhomirim) sob a óptica das diversidades culturais, promovendo a ampliação e a preservação da cultura mageense no âmbito da cidadania social.

CAPÍTULO I

A HISTÓRIA DE MAGÉ

1.1 Localização de Magé no Estado do Rio de Janeiro

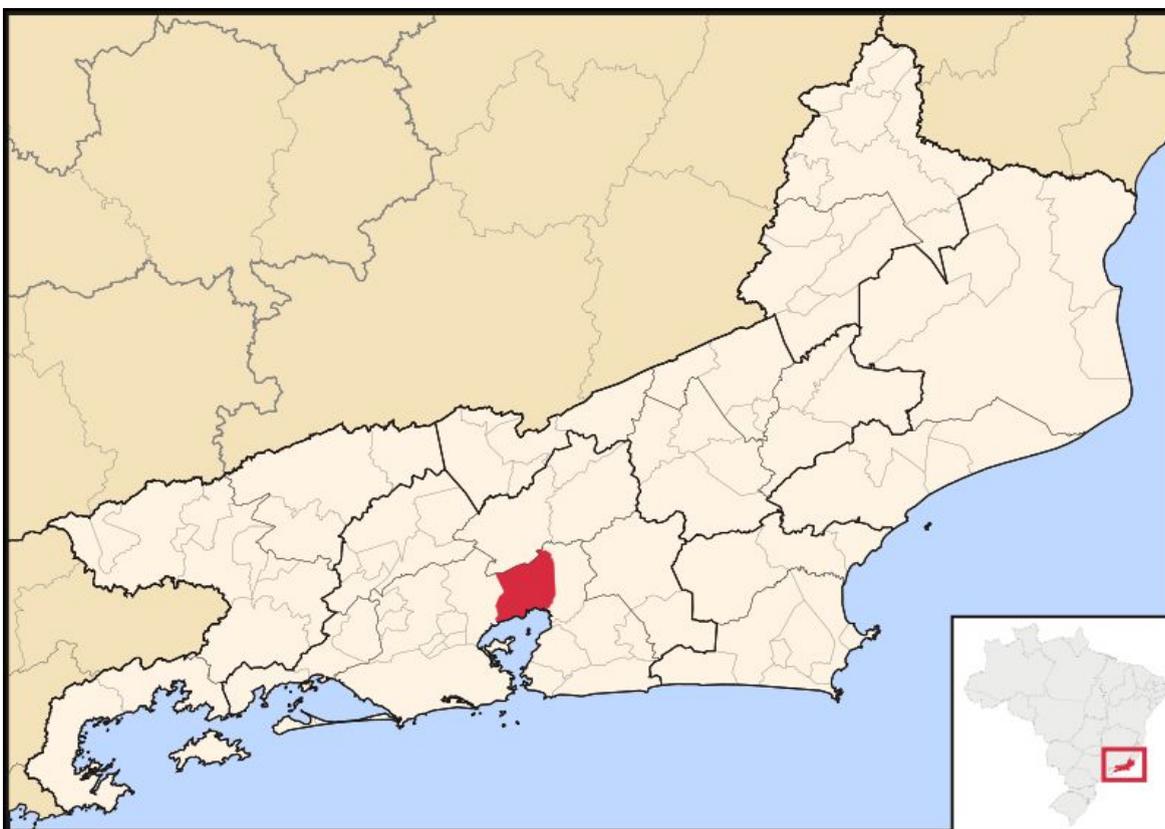


Figura 1 - Identificação do município de Magé no mapa do Estado do Rio de Janeiro

O município de Magé, situada ao Sul do estado do Rio de Janeiro, integra a região metropolitana da capital fluminense. Localiza-se a 22°39'10" de latitude sul e 43°02'26" de longitude oeste, a uma altitude de cinco metros.

Magé ocupa uma área de 395.0 km². Limita-se ao norte com Petrópolis, ao oeste com Duque de Caxias, ao leste com o município de Guapimirim¹ e ao sul com a Guanabara. Magé atua como sede administrativa de outros cinco distritos: Santo Aleixo, Rio do Ouro, Suruí, Guia de Pacobaíba e Vila Inhomirim.

¹ Pela lei estadual nº 1772, de 21 de dezembro de 1990, desmembrou, do município de Magé, o distrito de Guapimirim, o qual foi elevado à categoria de município.

Magé tem suas raízes por volta de 1643, quando do surgimento da sesmaria de Pacobaíba, ou Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba e, finalmente, Guia de Pacobaíba. As localidades receberam, respectivamente, a 18 de janeiro de 1696 e a 14 de dezembro de 1755, a denominação de freguesias, apesar da igreja matriz Magepe-Mirim, a primeira localidade, só ter sido dada por concluída em 1747.

Devido ao processo de colonização, à contribuição do trabalho escravo e, ainda, à fertilidade do solo, as localidades gozaram de invejável prestígio no período colonial. O desenvolvimento da agricultura e a conseqüente elevação do nível econômico daquela região fizeram com que o governo, em 09 de junho de 1789, conferisse a Magé a categoria de Vila.

As terras de Magé iam de Petrópolis, Sapucaia e Iguaçu. Por ordem do Imperador Dom Pedro II e decreto do Conselheiro Tolentino, foram transformados em Cidade², fato também explicado pela trajetória de conquistas e lutas.

A área em laranja no mapa abaixo compreende o espaço físico geográfico de Magé em 2011 cedido pelo IBGE³.



Figura 2 - Mapa do satélite

² Por efeito da lei ou decreto provincial n.º 965, de 2 de outubro de 1857.

³ João Lima – UERJ- Supervisão de Disseminação e Informação -SDI

1.2 O termo Magé

A origem do termo *Magé* – uma redução do original "Magepe-mirim" – vem do dialeto falado pelos Tupinambás, espécie de ramificação do Tupi, cujo significado básico é "Cacique pequeno". Também é atribuído a *Magé* em documentos antigos, cartográficos e sesmaria outro significado: "o lugar do pajé" (ALLONSO, 2000, p.20).

O nome atual foi adotado quando Magé, em 9 de junho de 1789, foi elevada à categoria de vila, obtendo assim a emancipação político-administrativa, com território constituído de terras desmembradas dos municípios de Santana de Macacu e da cidade do Rio de Janeiro. As ilhas do arquipélago de Paquetá, na Baía de Guanabara, também lhe foram separadas.

Em 1802, Magé foi elevada à "cabeça da corte". No ano de 1810, a localidade foi tornada baronato, e no ano seguinte, elevada a viscondado. Em 1857, foram-lhe atribuídos foros de cidade.



Figura 3 – Antigo mapa de Magé

1.3 O que é Magé?

Magé é um dos municípios mais antigos da Baixada Fluminense, atualmente com 446 anos. Magé data, portanto, do início da colonização do Brasil.

Cercada de belezas naturais, Magé compreende duas regiões distintas: montanhosa e plana (zona alagadiça e pantanosa). Localizado ao norte da Baía de Guanabara, a 60 km da capital, bem no coração do Rio de Janeiro, o cenário mescla cachoeiras, montanhas, vales, rios, manguezais e extensas áreas de Mata Atlântica.

A partir do século XIX, sua localização privilegiada permitiu um novo ciclo de desenvolvimento com a implantação de várias indústrias, especialmente as têxteis (1830 a 1997).

No século XX, a construção de um dos patrimônios mageenses, foi o “Palácio Anchieta”, uma das obras de maior expressão para Magé e considerada “*a mais bonita Prefeitura do Estado do Rio*”, na época, localizado no centro da cidade.

Com características do regime do Estado Novo, o Palácio Anchieta foi inaugurado em 1949 para ser a sede do poder executivo mageense,. O Prédio fica na Praça Nilo Peçanha e em uma área bem urbanizada. Tudo isso junto a um comércio variado na localidade, fonte do livro “A saga dos Ullmann” (SANTOS,1988,p.135).



Figura 4 - Prefeitura de Magé - Paço Municipal – Inaugurado em 12/10/1949, denominado “Palácio Anchieta”.



Figura 4 - Palácio Anchieta na atualidade

1.4 Um pouco mais sobre a história de Magé

Conta-se que em 1565, após a expulsão dos franceses da heróica cidade do Rio de Janeiro, certo Simão da Mota foi agraciado por Mem de Sá com uma sesmaria “de seiscentas braças de terra ao longo da água e 1000 braças por terra adentro no rio Magepe”. Chegando às praias de Piedade, acompanhado de um pequeno grupo composto de parentes, alguns amigos e vários escravos, Simão Mota teria edificado sua morada no Morro da Piedade, em um setor denominado Magepe-Mirim, nome aludido acima (SANTOS, 1998, p.46).

Tempos depois, Simão da Mota, o aventureiro português, teria começado o trabalho de cuidar de suas terras não muito distantes daquele local, onde hoje é a atual sede do município. Abaixo, foto do Morro da Piedade com o antigo cais (século XVI).

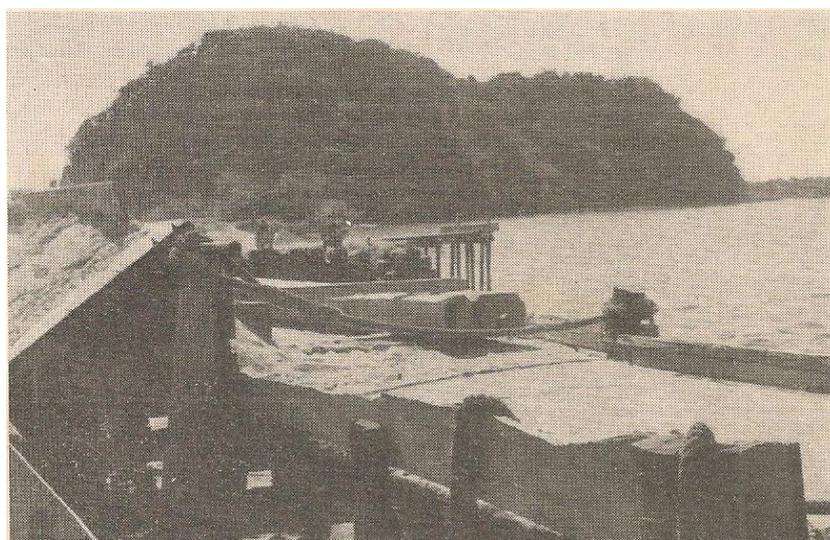


Figura 5 - Morro da Piedade e mais próximo o cais de desembarque

Uma razão adicional para esta transferência se deu por conta do fato de haver ventos constantes junto ao mar e a inexistência de água potável, e ainda a possibilidade da vulnerabilidade para ataques de aventureiros. No que se refere à questão da inexistência de água potável, em Piedade, cabe mencionar

a lenda em torno do Padre José de Anchieta e o seu Poço Bento. Dedicaremos um espaço para esta lenda ou curiosidade mais adiante.



Figura 6 - Morro da Piedade, a cruz, no alto do outeiro, indica o local onde esteve erguida a primeira capela de Magé (1565)

A falta de culto à memória é um problema nacional, do qual o município de Magé não está isento. Ainda hoje não temos nós, brasileiros, clareza quanto à idéia de que a história se faz a cada dia. Nesse sentido, a falta de registros faz com que percamos datas, acontecimentos, personagens, e situações inusitadas da história e da memória do país. A história e a memória de Magé não se fazem de forma diferente.

Porém, em 1957, o jornalista Renato Peixoto dos Santos publicou o livro “Magé: Terra do Dedo de Deus”, uma contribuição do IBGE, considerado até então o melhor registro que se tem de nossa terra para comemorar a passagem do centenário da emancipação político-administrativo de Magé. Devido ao centenário de comemoração da elevação à categoria de cidade em 02 de outubro de 1857, a publicação de Renato Peixoto dos Santos foi escolhida como um dos balizadores deste trabalho.

Renato Peixoto dos Santos publica ainda em 1988 o livro “A saga dos Ullmann - História da cidade de Magé (1870/1950)”. Em “Sinopse Histórica”, Renato Peixoto dos Santos (1988, p. 13) confirma o que foi publicado em artigo

do jornal “O Progressista”, datado de 1958, a saber, a história verdadeira de que o nome de Simão da Mota nunca existiu em nossa história, “mito que desfazemos no referido livro. realçando o nome de nosso legítimo pioneiro, cuja vida grandiosa revelamos: Cristóvão Cardoso de Barros”. Tendo dito isso, Renato Peixoto dos Santos desfaz a lenda, pois não há prova documental consistente da existência de Simão da Motta.

Outra importante fonte histórica da história de Magé é o livro “Notas para a história de Magé” (2000), de José Inaldo Alonso, historiador cuja pesquisa aprofundada e com base em documentos inéditos registra fatos ainda mais minuciosos para o enriquecimento de nossa história.

Como Simão da Motta não teve nenhuma importância para a história da cidade de Magé, cabe aqui o título de fundador da cidade a Cristóvão de Barros, responsável pela formação do núcleo inicial do povoamento, conferindo-lhe o status de iniciador populacional.

Cristóvão de Barros auxiliou a expulsão dos tamoios e franceses da Baía da Guanabara e de seus arredores. Possuidor de extensas sesmarias em Magé e construtor do 1º engenho do município, Cristóvão Barros foi o fundador e mantenedor da integridade do núcleo populacional da futura Magé (*Efemérides brasileiras*, publicado de 1891 até 1916 e republicado pelo Senado brasileiro em 1999).

Durante seu Governo ampliou as fortificações da cidade; estimulou a lavoura da cana; fundou Engenho Del-Rei às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, no local onde hoje se acha o Jardim Botânico; concorreu eficazmente para o povoamento das margens da Guanabara, concedendo numerosas sesmarias de Irajá até às margens do Rio Suruí.

Cristóvão de Barros ainda construiu para si um engenho de açúcar em Magé (Magepe, de acordo com os antigos documentos) no final do século XVI. Por tudo o que fez, Cristóvão de Barros foi Governador do Brasil Colônia de 1587 a 1592.

1.5 Magé atravessa os séculos

A ocupação portuguesa durante a segunda metade do séc. XVI, na orla da Baía de Guanabara, no atual município de Magé, ocorreu em regiões nas quais os manguezais e as áreas alagadas dão lugar a faixas de terras firmes. Nessas regiões se multiplicaram os engenhos de açúcar, ligados à cidade do Rio de Janeiro por uma farta rede hidrográfica.

Inicialmente, essa ocupação teve como estímulos econômicos à produção de açúcar, indiscutivelmente com o engenho de Cristóvão de Barros, a extração do pau-brasil, e a pesca sazonal de tainhas.

No séc.XVII, em Magé, faltam ganchos documentais para se construir um relato histórico com mais argumentos a não ser o que o Mons. Pizarro lista nas Memórias Históricas (Alonso., pág.35) e o relato sobre a pesca de tainha por Frei Vicente, (Alonso,pág. 43)

Quanto aos aspectos econômicos e à organização administrativa, Magé possui relatos mais completos e seguros nos documentos e referências em livros encontrados no séc XVIII. Quando dessas empreitadas, são criados vários serviços públicos, como o pelourinho, que designava a casa para uso da câmara e que abrigava também a cadeia pública.



Figura 54 - Casa das Três Portas - Pelourinho (séc.XIX)

Criada em 1846 por ordem do rei de Portugal, o edifício foi elaborado para o funcionamento da cadeia pública da cidade no andar térreo, e para o funcionamento da Câmara no andar de cima.

A economia de Magé no século XIX era relevante: possuía três engenhos de açúcar; as culturas de cana de açúcar, café, banana e outras frutas, como o cambucá, jabuticaba, laranjas e negociantes de todo o gênero.

A partir da metade do séc. XIX, a produção de cana-de-açúcar começa a entrar em crise, fazendo com que alguns dos engenhos situados nas regiões rurais passassem ser retalhadas em chácaras.

Ainda no século XIX, o quadro econômico da cidade de Magé é totalmente alterado com a navegação a vapor que se principia na Baía de Guanabara. A rota fluvial liga a Prainha aos portos de Inhomirim e Piedade, pela qual se chegava a Minas Gérias e a Teresópolis. Esse foi o período do esplendor de Magé.

Entretanto, com a abolição da escravatura, houve considerável êxodo dos antigos escravos, gerando uma crise econômica em Magé.

Esse fato, aliado à insalubridade da região, fez com que desaparecessem as grandes plantações, periódicas ou permanentes. O abandono das terras provocou a obstrução dos rios que cortam quase toda a baixada do território municipal, alagando-a. Daí Magé viveu o surto da malária, que reduziu a população local e paralisou, por várias décadas, o desenvolvimento econômico da região.

Aos poucos o município foi recuperando sua economia e superando seus problemas. Sua localização privilegiada, próxima a cidades importantes, trouxe novo desenvolvimento econômico no século XX, com a implantação de várias indústrias, especialmente as têxteis.

1.6 Controvérsias à parte

Muitos entendem a elevação de Magé à categoria de Vila, em 9 de junho de 1789, como a data de fundação de Magé. Assim relata Alonso (2000,p. 47)

que “se quisermos escolher uma data para a comemoração cívica, há de ser esta”.

Outra data, 02 de outubro, celebra os foros de cidade conferidos a Magé, em 1857, com elevação à categoria de cidade de primeira.

Controvérsias à parte, a comemoração continua sendo no dia 09 de junho.

1.7 Os Horrores de Magé

Com a proclamação da República em 1899, para cá vieram os revoltosos da marinha, favoráveis ao Imperador D.Pedro II.

O ano era 1894. Eclodia a Revolta da Armada.

A Marinha do Brasil entrou em conflito contra o governo do Marechal Floriano Peixoto, exigindo em 1893 que fossem convocadas novas eleições para a escolha de um novo presidente da república. Também tinha como motivação dessa rebelião o pouco prestígio que a Armada Brasileira (que possuía raízes monarquistas) tinha diante de um governo onde a maioria pertencia ao Exército. Apesar do pouco apoio que a sociedade dava ao conflito na cidade do Rio de Janeiro, houve intensos combates em Niterói e em Magé.

O Marechal Floriano Peixoto, então Presidente da Republica, sabedor de que Magé era considerado o foco dos revoltosos, ordenou que para o município fossem enviados cerca de 1200 homens das armas de artilharia e cavalaria.

Sob o comando do Coronel Godolphim, o 10º e 82º Batalhões de infantaria da Guarda Nacional e um esquadrão de cavalaria, que se alojaram no quartel de Raiz da Serra, daí dando início à marcha sobre Magé.

O coronel Godolphim não se contentou apenas em desmobilizar os revoltosos, permitiu também que seus soldados realizassem saques na cidade assassinassem a sangue frio a população nas ruas e nas casas contra uma população indefesa. Sua satisfação é retratada na seguinte frase repetida a todo o momento “vim destruir Magé, venha quem quiser reconstruir”, numa prática insana contra a população³.

³ Os Horrores de Magé - 1894; pp. 84 e 85

Tais atos foram de tal porte que provocaram protestos na imprensa do Rio de Janeiro como as cartas relatadas no livro “Os Horrores de Magé - 1894”.

Ficaram assim conhecidos “Os Horrores de Magé”, que provocaram um prejuízo histórico à cidade – tida até então como cidade modelo – e fizeram com que o fantasma da decadência nela se instalasse.



Figura 7 - Monumento em homenagem à memória daqueles que perderam a vida naquele triste episódio. Foto: Luiz Antonio Doria

1.8 Realizações de Magé durante o Império

Com a chegada de D.João VI e toda a família real para o Brasil em 1808, foi fundada em Vila Inhomirim, no 6º. Distrito, a Fábrica de Pólvora da Estrela.

A Fábrica de Pólvora da Estrela foi instalada nas terras das Fazendas Cordoaria, Mandioca e do Velasco, adquiridas pela Corte a fim de receber a fábrica de pólvora então localizada na lagoa Rodrigo de Freitas. O Imperador D. Pedro I queria que a fábrica fosse transferida para um local com melhores condições, próxima a rios navegáveis e com abundância de água e madeira. A fábrica abasteceu o Exército Imperial e os Aliados durante a Guerra do Paraguai, escoando sua produção pelo Porto de Estrela.

Após o período de crise e reativação, entra em decadência profunda e é extinta em 1940, com o advento da pólvora química. Em 1977, passando por outro período e crescimento, passou ao comando da Indústria de Material Bélico do Brasil.

No ano de 1854, exatamente em 30 de abril, quatro anos após o início das obras, Irineu Evangelista de Sousa, o Barão de Mauá, e com a presença de Sua Majestade, o Imperador D. Pedro II, e toda a família imperial, foi inaugurada a segunda estrada de ferro construída no mundo e a primeira do Brasil, em terras mageenses.



Figura 8 - Sede da Fábrica de Pólvora da Estrela

A importância do município durante o Segundo Império era grande. Para avaliá-la basta observar que em suas terras foi construída a primeira Estrada de Ferro da América do Sul, inaugurada a 30 de abril de 1854 (SANTOS, 1957: 51). Esta estrada, que se denominou Mauá e depois Estrada de Ferro Príncipe Grão-Pará, ligava as localidades de Guia de Pacobaíba e Frágoso, numa extensão de 14.500 metros. A primeira máquina empregada na ferrovia, hoje relíquia histórica, foi cognominada "A Baroneza". A primeira estação ferroviária recebeu a denominação de "Mauá", que, em língua indígena, significa "coisa elevada".

A Estrada recebeu o nome de seu fundador, tendo sido mudada tempos depois para Estrada de Ferro Príncipe Grão Pará. A estrada ligava as

localidades de Guia de Pacobaíba à Fragoso (Raiz da Serra) em uma extensão de 14.500 metros.

Outra realização que se destaca no período do II Reinado foi a construção da primeira indústria de tecidos da America do Sul, fundada em 1830, no distrito de Santo Aleixo. Juntamente com outras indústrias de mesma natureza, a indústria tornou Magé um centro de expressão têxtil na esfera nacional no período de 1830 até 1997.



Figura 9 - A “Baroneza”, primeira locomotiva a vapor a correr em trilhos brasileiros encontra-se guardada no Museu Histórico Ferroviário no Engenho de Dentro.



Figura 10 - A Companhia Fiação e Tecelagem Bezerra de Mello, conhecida como “Fábrica Velha”, fundada em 1830.

1.9 A imaginação se conjuga com a realidade

Além da pesquisa sobre a história da cidade de Magé, também recolhemos material sobre assuntos os mais diversos, entre eles as lendas populares: o episódio da passagem do abnegado Padre Anchieta por volta de 1566, a santa milagrosa (SANTOS, 1957: 53), a história da escrava Maria Conga e a lenda da Mirindiba.

Os relatos abaixo, tidos como lendas do imaginário comum dos mageenses, foram narrados em comunicação oral por várias gerações.

1.9.1 Magé: Terra da Mirindiba, a Índia encantada

Essa lenda é contada de boca em boca, via tradição oral⁴: uma Índia foi transformada em árvore pelo pajé de sua tribo. Essa árvore centenária fica no centro da cidade, no alto do Morro do Bonfim.

⁴ Tradição oral – comunicação de uma sociedade oral onde se reconhece a fala como meio de comunicação diária e como meio de preservação da sabedoria dos ancestrais chamadas de elocuições chaves.

Imaginação ou realidade? O que se sabe é que serviu de inspiração para uma história reconhecida como patrimônio cultural. Essa índia encantada, transformada em personagem, serve de motivação para a leitura do mundo em que vivemos, de um povo rico em simbologias e significados criativos que formam nossa identidade coletiva e individual. São elementos constitutivos de nossa cidadania.

A Mirindiba é uma árvore tropical bastante rústica e ornamental indicada para arborização urbana e recuperação de áreas degradada.

No alto do Morro do Bonfim, “a índia Mirindiba”, na figura de uma árvore imponente, está protegendo o povo de Magé, contra as injustiças e opressões, diz a lenda. As visitas ao Morro do Bonfim podem ser feitas a qualquer hora.



**Figura 11– Mirindiba - Nome científico: *Lafoesia glyptocarpa*.
É uma árvore da família das litráceas, nativa do Brasil.**

1.9.2 O Poço Bento do Padre José de Anchieta



Figura 62 - Poço Bento

A lenda fora narrada por Baltazar Martins Florença, mestre de engenho de Cristóvão de Barros, perante o administrador interino para depor no processo informativo sobre o Venerável Padre Anchieta. Um fato miraculoso acontecido em Magé⁵.

Por volta de 1566, encontravam-se em Magé numerosos jesuítas, entre eles o Padre jesuíta José de Anchieta, que veio integrando a comitiva do segundo governador geral Duarte da Costa. Esses jesuítas vieram para o Brasil com intuito de catequizar os índios, que se mostraram arredios à escravidão.

Na localidade de Piedade não se encontrara água potável e já havia sido tomada a decisão de transferir Magepe do Morro da Piedade para uma localidade mais ao centro.

Uma lenda muito popular conta que Anchieta, orando à Virgem, teria iniciado a cavar um poço com o seu cajado e que a água que jorrou dele era potável. Foi assim atribuído a uma graça divina concedida ao Padre. O local

⁵ Histórico da Paróquia da Nossa Senhora da Piedade.

onde se encontra o poço é visitado por muitos. Alguns atribuem as graças alcançadas à água considerada milagrosa.

O Padre Anchieta foi elevado à categoria de Beato e assim é venerável, segundo a igreja católica. No local, há uma capela dedicada ao Padre Anchieta aberta à visitação pública.

1.9.3 Maria Conga, boicotada e esquecida da nossa história oficial

No final do ano de 1987, o historiador Dario Navarro ouviu a história de Maria Conga. Contada por um negro andarilho internado no asilo Lar São Vicente de Paula, que alegou ter nascido no Quilombo e conhecido à mãe preta, a lenda ficou na cabeça do historiador. Depois de dois anos de pesquisa ele encontrou uma pessoa que testemunhou ser a própria Maria Conga, fundadora do Quilombo. Porém, não se tem registro oficial de nenhuma das duas pessoas.

Maria Conga teria nascido no Congo Africano no ano de 1792. Veio roubada com seus pais e irmãos por volta de 1804 num navio negreiro da Costa do Congo. Chegando à Bahia, foi separada de seus familiares, vendida para o senhor de engenho de Salvador e batizada com o nome de Maria da Conceição. Contava nessa época com apenas 12 anos de idade.

Aos dezoito anos veio para o rio de Janeiro e foi vendida para um alemão no Porto de Piedade em Magé. Aos vinte e quatro anos foi vendida para o Conde alemão Ferndy Von Scoilder, dono de uma fazenda agrícola, propriedade situada do bairro da Figueira até o bairro do Saco, na cidade de Magé. Depois de onze anos trabalhando para o conde, foi alforriada por volta de 1854. Aos trinta e cinco anos, assume a luta pela liberdade e dignidade de sua raça e funda o Quilombo para proteger os refugiados da guerra, hoje Bairro De Maria Conga.

Em 1988, ano do Centenário da Lei Áurea, a comunidade mageense proclamou Maria Conga heroína de Magé por ter ensinado como se luta pelos direitos da cidadania. Esta história também é considerada uma história de tradição oral por não apresentar nenhum registro oficial dos fatos.

1.9.4 A santa milagrosa

Com a transferência da Matriz de Piedade para a atual matriz, os moradores resolveram transferir também a imagem de Nossa Senhora da Piedade, padroeira do município.

Numa bela manhã, prepararam um carro de bois, e levaram a imagem para o novo templo. No dia seguinte, a imagem tinha desaparecido, após a surpresa, foi sugerido procurá-la na antiga igreja. Lá estava a imagem.

Atribuindo o fato a alguma brincadeira de mau gosto, foi feita nova transladação. No dia seguinte, repetiu-se o desaparecimento da imagem. Foi feita nova mudança levando a imagem, em um andor, acompanhada de grande procissão e a imagem da Santa Milagreira permanece até hoje na Matriz.

CAPÍTULO II

O CIDADÃO ATRAVESSA O TEMPO E RECUPERA A SUA AUTO-ESTIMA

“Se queremos progredir, não devemos repetir a história, mas fazer uma história nova” (Gandhi)

2.1 Considerações sobre patrimônio

Segundo Olinio Coelho (1992: 31), “patrimônio cultural é todo o meio ambiente criado pelo homem, incluindo-se os sítios onde se instala, necessários à sua vivência social”. Também se considera patrimônio cultural os bens móveis e imóveis, que sejam vinculados a fatos históricos ou que possuam valor artístico ou arquitetônico, cuja preservação seja de interesse e de valor social.

Vamos além dessas definições, incluindo à idéia de patrimônio tudo o que conserva a memória coletiva de uma sociedade ou de um povo. A conservação dessa memória constitui um acervo de bens culturais, pessoais ou coletivos, podendo ser representada por uma simples fotografia, verificável nos costumes ou nos hábitos de vida, nos bens históricos, como um palácio, uma praça pública, uma casa, uma igreja, etc.

Durante muito tempo, pensou-se em como se daria a preservação desses bens. Os primeiros profissionais responsáveis pela tarefa foram historiadores, arquitetos, antropólogos e pesquisadores de um modo geral.

Entendemos que o compromisso com a preservação dos bens culturais não pode ser legado somente a especialistas. Ninguém melhor do que a própria sociedade para reconhecê-los e conservá-los, uma vez que o maior interessado pelos seus bens é o próprio povo que os tem.

Portanto, quem participa da vida da comunidade de uma cidade, estado ou país, torna-se sujeito de suas ações, capaz de escolher, criticar, defender seus direitos, bem como honrar seus deveres. Isso significa dizer que a participação por si só já é uma ação de cidadania, que estimula as pessoas a criarem, no espaço coletivo, uma cultura comum.

O exercício da participação é um dos principais instrumentos na formação de uma atitude democrática .

Quanto mais consciente de sua condição de cidadão participativo, mais o indivíduo se torna apto a encontrar soluções para os seus problemas e os de sua comunidade. Apenas um indivíduo participativo, no pleno exercício de sua cidadania, consegue compreender o que se passa a sua volta, exigindo a efetiva concretização de todos os seus direitos previstos em lei.

A participação é, nesse sentido, um caminho de respeito à dignidade. Contudo, uma participação efetiva nunca ocorre unilateralmente. A verdadeira participação requer a valorização do diálogo entre os cidadãos e entre os cidadãos e o governo; exige ainda presença física, respeito às idéias alheias, espaço para descentralização das decisões, oportunidade de acesso às informações e, acima de tudo, exige capacidade de decisão por uma ou outra opção de atuação.

2.2 Patrimônio cultural de Magé

O tempo cultural não é cronológico. Coisas do passado podem, de repente, tornarem-se altamente significativas para o presente e estimulante para o futuro. (Aloísio Magalhães, E Triunfo?: a questão dos bens culturais no Brasil. Editora Nova Fronteira, 1985 - 256 páginas).

A FUNDREM – Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro – realizou de 1983/1984 o Inventário dos Bens Culturais de Magé. Tal inventário se constitui em uma etapa do projeto desenvolvido pelo Núcleo do Patrimônio da FUNDREM cujo objetivo era elaborar um plano de Preservação do Patrimônio Histórico e Arquitetônico para os Municípios integrantes da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O resultado da pesquisa foi a publicação de um livro (Anexo 1).

A pesquisa também se constituiu de um “inventário de conhecimento”, em que a proposta era esgotar as informações acerca do patrimônio cultural e dar subsídios para se compreender a relação íntima entre o planejamento urbano e os problemas que envolvem a preservação do município.

Dario Navarro, um historiador argentino com passagem em Magé por volta de 1998, contribuiu com o estudo de ações, fazendo o levantamento do patrimônio material e imaterial, trabalhando no restauro de alguns patrimônios como, por exemplo, na história de Maria Conga e, principalmente, em realizações de obras na Igreja Matriz, no centro da cidade.

Em Magé, somente alguns monumentos estão tombados, a maioria, infelizmente, em situação de abandono, à sorte e ao descaso como constata OLINIO: “na sociedade contemporânea o aumento dos fatores que põem em risco ou ameaça integridade dos bens culturais são: a ação destrutiva do homem e a ação destrutiva da natureza”. (OLINIO, 1992: 39-40).

Percebe-se que as questões legais e as iniciativas já feitas não resultaram em diretrizes que conferisse aos patrimônios a preservação da identidade mageense. O patrimônio cultural é a própria memória do povo, exemplificação viva do passado dos grupos, e peça fundamental para as construções sociais do futuro (ONILIO, 1992: 59). Isto é algo que pode ser estimulado para uma criação futura, como afirma P. Hazard: “a memória cria a história” ...

Olinio Coelho explica que é a preservação dos bens culturais a forma mais autêntica e eloqüente de transmissão das maneiras de agir, pensar e sentir das gerações passadas às sociedades contemporâneas, memória preservada através da família, concepções religiosas, valores morais, organizações políticas e estruturas econômicas.

A maneira mais eficaz de proteção e conservação desses valores culturais será, evidentemente, a sua integração na sociedade contemporânea. Referimo-nos não apenas aos grandes monumentos, mas também as mais modestas realizações materiais que têm atraído a atenção do homem (OLINIO, 1992: 59).

As leis de tombamentos do Município de Magé não existem, o que dificulta a manutenção dos seus patrimônios culturais. Apenas se conhece as ações citadas acima: a iniciativa de Dario Navarro, e depoimentos de pessoas que estiveram envolvidas no processo em conjunto como referido.

O patrimônio histórico local é constituído por diversos pontos de interesse turísticos, com destaque para as igrejas e para as capelas centenárias. Além disso, Magé guarda ruínas e monumentos que testemunham o passado de glória, quando a cidade desempenhou papel fundamental no desenvolvimento econômico do Brasil Colônia e Império.

Uma das propostas sobre o tema do trabalho “Magé e seu patrimônio cultural” é a possibilidade de incentivar atrativos turísticos, uma forma sustentável de agregar mais valor à cidade.

Ao valorizar seus sítios naturais (rochas, cascatas, grutas, abismos, lagos, cadeias de montanhas, etc.), seus sítios arqueológicos e reservas de faunas e flora, o Turismo Cultural possibilita a melhora da autoestima da população. Para que essa retomada de fato ocorra, é indispensável o envolvimento da população no processo não só de desenvolvimento econômico como também o espírito comunitário. Esse envolvimento tem como fruto a melhora da qualidade de vida da população.

Podemos, por fim, concluir que o turismo cultural privilegia o contato com outros grupos, possibilita sentir seus comportamentos próprios, conhecer seu patrimônio cultural e suas belezas naturais.

2.3 Pontos turísticos

Magé é privilegiada na diversificação de roteiros turísticos. Nela são encontradas igrejas e capelas seculares, como ruínas de antigos prédios históricos, engenhos, fazendas, e até mesmo um antigo paiol.

2.3.1 Fazenda da Mandioca

A fazenda era de propriedade de Grigory Ivanovich Langsdorff, o barão de Langsdorff, cônsul geral da Rússia no Brasil, e foi adquirida em 1816. O

barão desejava transformá-la em uma fazenda com um modelo diferente. Para isso, substituiu o trabalho escravo pelo assalariado e buscou a entrada de imigrantes. Em 1825, a Fazenda foi desapropriada e passou ao domínio da Imperial Fábrica de Pólvora (Fábrica de Pólvora da Estrela), começando aí a história de seu abandono (ALLONSO, 2000: 115).



Figura 75 - Fazenda da Mandioca (séc.XIX)



Figura16 - Langsdorff acessava a Fazenda da Mandioca, vindo da Prainha (Praça Mauá) até o Porto da Estrela e, pelo Caminho Novo chegava à fazenda.

No início do século XIX, foi feita uma expressiva tentativa de colonização estrangeira pelo Barão de Langsdorff, no fundo da Baía da Guanabara, onde começava a subida da Serra da Estrela, ao longo do Caminho Novo que conduzia tropeiros ao interior das Minas Gerais. A região era a Fazenda da Mandioca, ocupada por noventa e quatro imigrantes, vindos especialmente da Alemanha para essa empreitada, visando o cultivo de novas espécies e a introdução de modernas técnicas agrícolas.

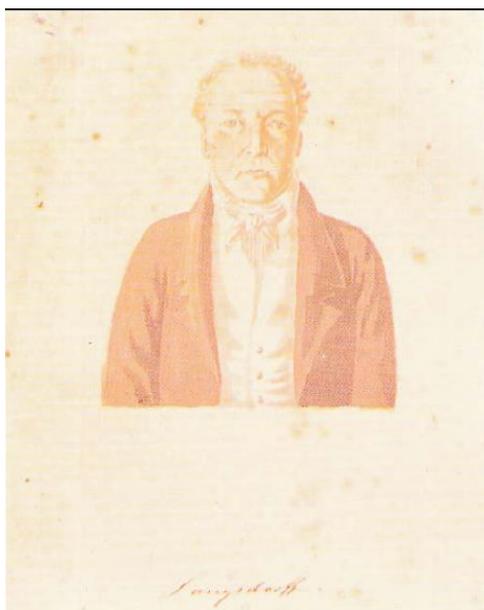


Figura 87 - Barão de Langsdorff

2.3.2 Caminho do Ouro



Figura 98 - Caminho do Ouro (séc. XVIII)

Na Serra da Estrela ou Serra dos Órgãos se encontra o Caminho do Ouro, uma trilha famosa, construída em 1724, com pedras por escravos de Bernardo Soares de Proença, rico fazendeiro da cidade, que trazia ouro de Minas até Magé.

2.3.3 Porto da Piedade

É o mais belo porto de Magé, porém nunca teve grande importância econômica. Foi o ponto inicial da história de Magé.



Figura 19 - Porto de Piedade

2.3.4 Estrada de Ferro Barão de Mauá

Foi construída por Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, por estar encantado com as ferrovias inglesas que acabara de visitar.

O primeiro trecho da ferrovia foi inaugurado em 30 de abril de 1854, hoje considerado o "Dia da Baixada Fluminense". Antes disso, todo o transporte de mercadorias por terra era feito em lombo de animais.

Nas fotos a seguir, podemos ver uma composição da então Estrada de Ferro Leopoldina, estacionada no cais do Porto Mauá (**Figuras 20 e 21**). Nas **Figuras 22 e 23**, vemos um barco a vapor, no qual os passageiros oriundos da cidade do Rio de Janeiro se transportavam até o Porto para depois seguir a Petrópolis, e na **Figura 26** como está atualmente o Píer A. E. F.

A Estrada de Ferro Barão de Mauá foi a responsável pelo primeiro caso de intermodalidade de transporte no Brasil.



Figura 20- Primeiro trecho da ferrovia (séc.XIX)



Figura 21 – Estação de Guia de Pacobaíba (séc. XIX)

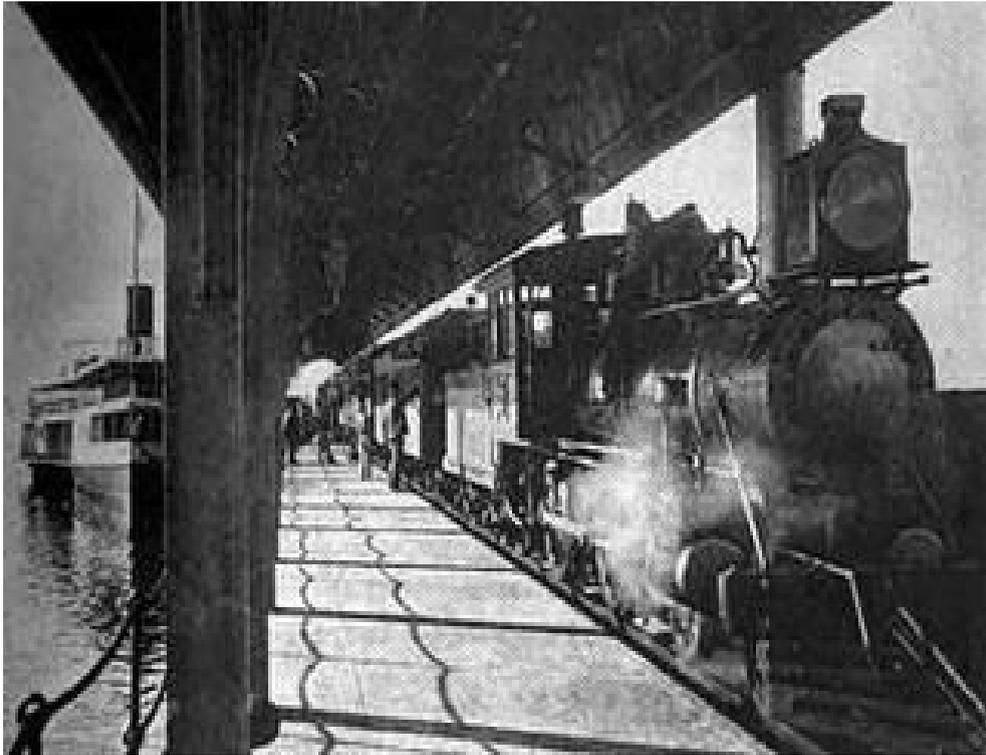


Figura 22- Locomotiva chegando à Estação (séc. XIX)



Figura 23 – Barco a vapor chegando ao porto



Figura 24 - Pier da Estação de Guia de Pacobaíba



Figura 25 - Estação de Guia de Pacobaíba antes da reforma



Figura 26 – Atual Estação de Guia de Pacobaíba depois da reforma em 2004

2.3.5 Serra dos Órgãos

Seção da Serra do Mar que abrange o município de Magé, Petrópolis, Guapimirim e Teresópolis. Nela estão localizados alguns atrativos naturais de grande beleza paisagística:

Cachoeira do Monjolo

Composta de três quedas principais e piscinas naturais.

Morro Dois Irmãos

Com 1.050 metros de altitude, é formado por dois cumes próximos um ao outro, com grande semelhança entre si.

Poço da Sereia

Ampla piscina natural, possui águas claras, transparentes e frias.

Poço do Silvestre

Possui águas calmas, transparentes e frias medindo aproximadamente 18m de comprimento. Situa-se entre volumosas rochas, que junto à vegetação abundante, com imponentes árvores, plantas trepadeiras e parasitas, formam o entorno pitoresco do atrativo.

Poço do Tamanqueiro

Formado por três piscinas naturais, a maior delas com 20 metros de diâmetro.

Poço Doze-Doze

Onde se destacam no leito do rio formações rochosas que atingem alturas de 5 metros a 6 metros, fica no rio Pau-Grande, que tem grande número de pequenas quedas d'água e várias piscinas naturais.

Poço Macumba

Localizado no acidentado rio Andorinhas, tem 18 metros de diâmetro.

Praia de Mauá

Localizada no fundo da Baía de Guanabara, em Área de 7km de praias, tem fundo de lama e lodo e pequenas faixas de areia.

2.3.6 Igrejas e Capelas

A igreja que carrega o nome da padroeira da Cidade guarda rico acervo de imagens barrocas no recôncavo e mantém tradicionais missas católicas.

(Pesquisa: Sciammarella)



Figura 10 - Igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade – 1750



Figura 11 - Igreja de São Nicolau do Suruí – 1628



Figura 12 - Igreja de São Francisco de Croará – 1745



Figura 13 - Igreja de N.S. dos Remédios – 1740



Figura 31 - Igreja de Nossa Senhora da Guia de Pacobaíba - 1640



Figura 32 - Igreja Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim - Data desconhecida

A igreja de N.S. da Piedade de Vila de Inhomirim, onde foi batizado Luis Alves de Lima e Sila, patrono do Exército, está em ruínas, podendo desabar a qualquer momento (Foto: Arquivo/IPAHB).



Figura 14 - Capela de Sant'Anna - 1737



Figura 15 - Capela de N.S. de Santo Aleixo - 1743



Figura 16 - Igreja de N.S. da Conceição (Foto: Luiz Augusto Barroso)



Figura 17 - Capela de Nosso Senhor do Bonfim

2.4 Festas Religiosas e Tradicionais

2.4.1 Data das comemorações religiosas

- Festa de aniversário da cidade – 09 de junho
- Festa de Santo Antônio – 13 de maio
- Festa de Santo Aleixo -17 de julho
- Festa de São João – 24 de junho
- Festa de São Pedro – 29 de junho
- Festa da Capela de Santo Aleixo
- Festa de São Nicolau de Suruí – 5 de dezembro

2.4.2 Festas populares

- Festa de aniversário da égua Charlene, que será transformada em Feira de Amostra Agropecuária com atrações diversas e comidas típicas (caranguejada, siri, melado de Torquato, etc.).
- Cavalgada de São Jorge.

2.5 Curiosidades

2.5.1 Benjamim Constant, morador de Magé

Benjamim Constant, autor da frase “Ordem e Progresso”, escrita na bandeira brasileira, foi um dos moradores de Magé enquanto criança. Esse fato se encontra em carta dirigida a sua esposa quando estava em Teresópolis. (Anexo 2)



Figura 18 - Benjamin Constant

2.5.2 Sítios arqueológicos

Encontram-se vestígios de antigos habitantes de Magé - Presença dos Sambaquis PALEOAMBIENTE - datados de 3.000 a. C.

A pesquisa teve como alvo uma região do Recôncavo da Baía de Guanabara, que inclui principalmente os municípios de Guapimirim (até então pertencente ao município de Magé) e Itaboraí. Essa é uma área que foi pesquisada do início da década de 1970 até o fim do século passado. Grandes arqueólogos investigaram os sítios desta localidade, como Beltrão, Heredia, Rohr e Hurt, e deixaram informações valiosas para as gerações futuras.



Figura 19 - Aspecto do local onde está o Sambaqui, pequeno corte de 30 cm

2.5.3 Mané Garrincha

Manuel Francisco dos Santos, era de uma família humilde de quinze irmãos que morava no Distrito de Pau Grande em Magé. O apelido Garrincha foi dado por sua irmã fazendo uma associação a um pássaro muito comum na região serrana de Petrópolis.

Com seu estilo original de jogar, apesar das pernas tortas, foi um legítimo jogador brasileiro, com dribles e jogadas divertidas. Marcou a história do futebol brasileiro com os apelidos “alegria do povo”, “o anjo de pernas tortas”, entre outros.

“Mané Garrincha” nasceu em 28 de outubro de 1933, na localidade de Pau Grande, em Magé. Faleceu em 20 de janeiro de 1983, na cidade do Rio de Janeiro.

“Se há um Deus que regula o futebol, esse Deus é sobretudo irônico e farsante, e Garrincha foi um de seus delegados incumbidos de zombar de tudo e de todos, nos estádios. Mas, como é também um Deus cruel, torou do estonteante garrincha a faculdade de perceber sua condição de agente divino. Foi um pobre e pequeno mortal que ajudou um país inteiro a sublimar suas tristezas. O pior é que as tristezas voltam, e não há outro garrincha disponível. Precisa-se de um novo, que nos alimente os sonhos” **(Carlos Drummond de Andrade)**



Figura 20 - "Mané Garrincha" defendendo a Seleção Brasileira



Figura 40 - "Mané Garrincha" defendendo a Seleção Brasileira



Figura 41 - "Garrincha" defendendo o time do Botafogo

CAPÍTULO III

MAGÉ NA CONTEMPORANEIDADE

Magé vem sendo considerada “cidade dormitório”, apelido aderido devido aos problemas que a população local enfrenta por ter que trabalhar em municípios vizinhos. Essa é uma realidade muito comum em Magé. As distâncias, as locomoções e a longa jornada de trabalho são intransponíveis, mas atrapalham os vínculos com as comunidades e afrouxando-se, portanto, laços afetivos e a história local. Isso é o que acontece em muitos municípios brasileiros.

A exemplo da grande maioria dos municípios da Baixada Fluminense, a elaboração de políticas públicas e ações culturais mais efetivas no município são difíceis pela falta de participação da comunidade ou dos órgãos governamentais, especificamente no setor cultural. A cultura dos eventos ocorre somente em ocasiões especiais: eleições no município e comemorações de aniversário da cidade.

Durante muito tempo o município ficou sem expressão cultural. Segundo o Departamento de Cultura do Município, oportunidades e parcerias com o Governo Federal e Estadual nunca deixaram de serem celebradas, porém nunca sendo efetivadas, levando o município ao descrédito.

Pode-se dizer que nesse ano de 2011, amparada por iniciativas do recém criado Departamento de Cultura, Magé está em processo de organização e planejamento de atividades culturais, com possibilidade da participação efetiva das comunidades. A criação e produção de tais atividades promove o exercício da cidadania, fortalecendo a identidade local, com o objetivo de recuperar a autoestima do cidadão mageense.

Magé atravessa momentos de transitoriedade no panorama político. O atual governo (2011) procura fazer mudanças necessárias e atender a reformas administrativas urgentes, pois se deparou com problemas, sobretudo no setor econômico. Um projeto na política administrativa e econômica, na esfera educacional e cultural, ainda está um pouco distante de ser cogitado, porque é fato que as políticas culturais sempre são relegadas a um segundo plano.

A noção de pertencimento a uma sociedade civil e ao setor privado passa pela participação da preservação dos patrimônios culturais (materiais, imateriais e ambiental), identificando suas prioridades até a promoção conjunta de ações e novos investimentos (Monumenta – Conceitos, Estratégias e Áreas de atuação).(ANEXO 3)

O que desejamos para Magé é a recuperação da cidadania, junto à comunidade, como uma das vigas mestras do trabalho realizado pelo DPH de São Paulo (1989/1992) “da memória como direito do cidadão, portanto como ação de todos os sujeitos sociais e não como produção oficial da história;” (CHAUI, 2006,p.125), pois a história de uma sociedade é feita por todos os que nela vivem e atuam.

O habitante da cidade mais consciente do lugar que ocupa e do tempo em que vive é estimulado a ser um cidadão mais participativo, interessado pelo papel que a cidade ocupa em sua vida. Cidadania entendida aqui como a descoberta do que existe no local ou na obra e causa proximidade, para a formação da identidade. Uma igreja, uma fazenda, construções em ruínas é um objeto de identidade, “a idéia da descoberta traz consigo uma noção-reboque, a da imutabilidade ou, em todo caso, permanência da obra: a identidade surge como algo, se não perene pelo menos constante durante largos intervalos, o que justifica a ação patrimonialista (COELHO, 1986: p.288)”.

Como dito anteriormente, a cidade de Magé vem sendo descrita como lugar da transitoriedade, dos desencontros, cidade de estranhos onde não seria possível visualizar qualquer ordem. Numa cidade assim, a ação cultural se propõe com o intuito de discutir o exercício da cidadania com e na ampliação e criação das atividades culturais como o próprio Teixeira Coelho explica na definição específica da cultura “a ação cultural como processo de criação ou organização que fornece meios para que as pessoas ou grupos inventem seus próprios fins no universo cultural” (COELHO,1986: 33)

Nesse caso, a escolha do tipo básico da ação cultural será a “ação cultural de criação”, que se propõe a fazer a ponte entre as pessoas e a obra cultural ou arte, para que dessa obra possam as pessoas retirar aquilo que lhes permitirá participar do universo cultural como um todo e aproximarem-se umas

das outras por meio da invenção de objetivos comuns. Essa definição está de acordo com o “Dicionário Crítico de Política Cultural”.

A participação da comunidade no domínio de sua própria cultura passa pela conscientização do seu papel enquanto agente de preservação do próprio patrimônio cultural. Essa relação com a cultura é nova, e é entendida como o trabalho em que “a cultura opera mudanças em nossas experiências imediatas, abre o tempo com o novo, faz emergir o que ainda não foi feito, pensado e dito” (CHAUÍ, 2006,p.136). Portanto, a cidade é o espaço público onde se dá a cultura ao vivo.

Para que se obtenham os resultados efetivos esperados e os seus objetivos, será necessária uma aproximação específica nas escolas municipais e estaduais, estabelecendo um canal de diálogo que estimulará uma conscientização e motivação capazes de gerar novas ações como produto da história coletiva e, principalmente, para novos empreendimentos e melhor qualidade de vida.

“Na educação, nos diversos graus da escola, as noções de respeito ao patrimônio cultural, se oferecidas às crianças e aos jovens (Básico,Fundamental e Médio, grifo nosso), serão fundamentais para a criação de uma mentalidade nas gerações novas, conscientes da importância de seu passado histórico e plenamente conhecedores de seus valores culturais e de sua realidade social”, como afirma Olinio Gomes P. Coelho. (COELHO, 1986,p. 61).

Portanto, apresentamos um dos caminhos que acreditamos expressivos para a realização dessa iniciativa como base das primeiras noções de formação cultural: a divulgação através de uma mídia e/ou recurso literário nas escolas, com ilustrações sobre a origem da cidade, acontecimentos históricos, patrimônios arquitetônicos, formas de expressão, modos de criar, documentos, etc.

Nesse sentido, a ação cultural é uma aposta; depois do início do processo não se sabe exatamente onde se vai chegar (COELHO,1986,P.32), porém, não basta uma aproximação qualquer, um relacionamento qualquer,

mas um que resulte principalmente em um “benefício social”, pelo qual a comunidade encontre um caminho para se desenvolver.(COELHO,1986,P.33)

CAPÍTULO IV

Possibilidades de projetos e ações

Com base nas categorias fundamentais de memória e cidade, mediação cultural e lugar da existência produtiva, o projeto terá exigências modestas de infra-estrutura, e envolverá as escolas e pessoas da comunidade.

A primeira ação proposta será aproximação e apresentação nas escolas da pesquisa feita e produzida em mídias e/ ou material didáticos, com a intenção de articular programas que serão desenvolvidos a partir dessa aproximação em quatro etapas essenciais:

(1) Divulgar junto aos alunos dos níveis Básico, Fundamental e Médio, a importância desse conhecimento cultural que está sendo ofertado e que está ali presente;

Discutir com os alunos e levá-los a observar a relação da escola, da cidade e do lugar onde elas se encontram ,como um espaço vivo carregado de memórias e significações que os próprios alunos e seus familiares convivem. Para isso é fundamental que os alunos se sintam reconhecidos num sentimento de pertencimento, mostrando a importância dessa ação sobre os estudos de memória cultural e das variações culturais de sua comunidade para que não caia no esquecimento;

Desenvolver estratégias de trabalhos com os estudantes de Formação de Professores criando vários grupos diversificados como grupos de contadores de história, grupos para desenvolver dramatizações, grupos para montar vídeos, grupos para visitas em locais históricos, grupos para fotografar a cidade, grupos para desenhar sobre as lendas. Enfim, diversificar as formas de abordagem das estratégias;

Buscar pessoas interessadas na comunidade escolar e seu entorno a recolher contos e casos populares para a criação de um banco de memória local assim como recolher documentos, fotos, livros etc. para montar um pequeno acervo comunitário.

(2) Apresentar projetos educativos na Prefeitura para:

Ocupar as praças com de atividades de leitura, de música, de artes e/ou artesanatos feitas pela comunidade para revitalização desse espaço público;

Transformar o segundo piso da Prefeitura num espaço para exposição permanente de trabalhos produzidos pela comunidade ou de outros lugares;

Criação de oficinas de desenhos feitos por pessoas da comunidade sobre a cidade para serem transformados em cartões postais e selos nas agências dos correios.

(3) Estimular o potencial turístico cultural com os seguintes passos:

Promover reuniões com a comunidade para a sensibilização para o patrimônio que possui;

Convocar a comunidade através dos meios de comunicação (rádio local e jornais) da cidade e de convites pessoais para as escolhas de programas turísticos;

Montar equipe composta de funcionários do poder público municipal e serviços terceirizados para serem guias turísticos, buscando parceria com a Prefeitura. Para essa proposta é necessária a criação de monitores especializados como arquitetos e historiadores.

Formar grupos de fotógrafos amadores com a tarefa de fotografar os lugares turísticos e personalidades locais para montar uma exposição em lugar a ser previamente autorizado pelas escolas ou pela Prefeitura.

- (4) Criar um banco de dados sobre as culturas populares na cidade. Expandir informações do projeto para outros espaços cultural-escolares e buscar o estabelecimento de círculos de comunicação cultural

4.1 Projeto Mosaico Cultural

O acesso à cultura - pensada não só como memória ou ato criativo espontâneo ou artístico, mas como conhecimento -, é um ato consciente que exige inserção coletiva e política de todos os cidadãos. Assim exige um ambiente comunitário e político favorável à inserção cultural do indivíduo e grupos. **(REVISTA DE CULTURA, n 8 - abril-junho 2006. Brasil em tempos de cultura: cena política e visibilidade Marta Porto)**

O PROJETO MOSAICO CULTURAL se define a partir de todas as estratégias acima descritas.

O PROJETO MOSAICO CULTURAL surgiu a partir da observação da disposição geográfica dos distritos no mapa do município de Magé. (ANEXO 4)

O projeto pretende compor um quadro com molduras culturais organizadas pelos distritos, a saber:

1. Construir um painel com retratos das localidades que refletem conhecimentos e criações feitas pelos seus próprios moradores. Tal painel demonstra que todos os atores envolvidos são capazes de produzir cultura e que estão em condições de igualdade com os outros distritos para trocar experiências novas;
2. Utilizar uma aproximação dos distritos através de reuniões nas quais se discutirá a melhor forma de viabilizar essas ações, definindo: **a.** os problemas e as prioridades de cada distrito; **b.** o processo de intercâmbio cultural; **c.** os espaços públicos, as pessoas envolvidas, na certeza de que esses encontros proporcionarão riqueza cultural e

fortalecerão o sentido de identidade cultural e de pertencimento a mesma memória;

3. Estabelecer vias de comunicação por meio de rádios, jornais e e-mails para divulgação do programa com data, local e horário dos encontros;
4. Transformar todas essas ações em conhecimento cultural, apontando o uso da memória coletiva e a que/quem ela se destina, garantindo o livre acesso às informações e transformando a própria ação coletiva em rica e importante expressão cultural.

CONCLUSÃO

O desafio real da proposta dessa monografia consiste em superar as desigualdades sociais e as limitações individualizadas, para que, então, possa ser gerado um sentimento de pertencimento e uma integração de cada cidadão mais efetiva e ampla na sociedade como um todo.

Acreditamos que essas ações e projetos facilitarão o desenvolvimento da capacidade de participação do cidadão na sua comunidade, exercendo seus direitos e deveres. Acreditamos também que essas ações culturais são o primeiro passo para transpormos as barreiras econômicas entre uma classe e outra, e que os obstáculos sociais e as dificuldades que a comunidade enfrenta para sua integração e satisfação dependem da participação cidadã para serem superados.

Nesse sentido, o elemento de maior relevância para o desenvolvimento das questões econômicas é a própria noção de cidadania, definida por: “direitos de aceder e pertencer ao sistema sócio-político como no direito de participar na re-elaboração do sistema, definindo, portanto, aquilo que queremos fazer parte” (Canclini, 1999: 47).

Para que a memória coletiva se efetive, é necessário também que a preservação dos patrimônios passe pelo domínio e pela conscientização da comunidade da sua própria cultura, a qual se tornará agente de suas potencialidades. Essas potencialidades se farão reais na função e no desafio de estabelecer um diálogo entre o mediador cultural, as autoridades locais e os setores privados.

Ao contemplarmos estratégias de educação patrimonial nas escolas a partir da visibilidade dos patrimônios e da aproximação dos moradores com os bens culturais do Município de Magé, promoveremos um exercício pleno de cidadania. Esperamos com isso que os moradores reflitam e participem do próprio processo de manter as características físicas da cidade, sua história e sua identidade cultural. Desenvolverão, por fim, um sentimento de pertencimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, José Inaldo –1929 -Notas para a História de Magé- Ed.do autor – 172pp.21cm-ilustrado - Gráfica Reviver- Niterói/ 2000

ARANTES, Antonio Augusto(org.). Produzindo o passado –Estratégias de construção do patrimônio Cultural. São Paulo:Secretaria de Estado e Cultura. CONDEPHAAT. Conselho de Defesa do patrimônio Histórico,Arqueológico,Artístico e turístico.Ed. brasiliense,1984.

AZEVEDO, Benedita Silva de (Organizadora) –II Antologia em Prosa e Verso-Rio de Janeiro, maio de 2004-128 páginas -Editora H. P. Comunicação ISBN 7576-Poesia CDD-869.IB literatura brasileira CDD-869B

BACZKO, Bronislaw. Imaginário social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi: anthropos-homem. Lisboa:Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1985. v. 5, p. 296-332.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi Organizadora - Cidade: história e desafios —Rio de Janeiro : Editora FGV, 2002.296p.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi -1. Vida urbana. 2. Patrimônio cultural — Proteção. 3. Planejamento urbano — Rio de Janeiro (RJ). 1945-II. Fundação Getulio Vargas.CDD-309.262098153

CANCLINI,Nestor Garcia. Consumidores e cidadãos;conflitos multiculturais da globalização,RIO DE Janeiro: Editora URFJ, 1999.

CHAUÍ,Marilena. Cidadania Cultural – o direito à Cultura.1.ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo,2006.

COELHO NETTO, José Teixeira. *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1986.

COELHO, Teixeira. O que é ação cultural. São Paulo: Brasiliense, 1989. 94p. (Coleção Primeiros Passos, 216)

COELHO, Olinio Gomes Paschoal. Do Patrimônio Cultural.Rio de Janeiro:Produção Gráfica Rogéria Ipanema,1992.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA,Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 149-164.

DAVALLON, Jean. A mediação: a comunicação em processo? *Prisma.com*: revista de Ciências da Informação e da Comunicação, Porto, n. 4, jun. 2007. Disponível em:

<http://prisma.cetac.up.pt/A_mediacao_a_comunicacao_em_processo.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2009.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO- PREFEITURA MUNICIPAL DE MAGÉ – SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA, ESPORTE E LAZER – Conhecendo Magé pela Poesia –Magé RJ- 150pp. 2003

FUNDREM. Região metropolitana do Rio de Janeiro;inventário dos bens culturais do município de Magé.Rio de Janeiro:SECDREM/FUNDREM,1984

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Thompson, K. (org.) *Media and Cultural Regulation*. Inglaterra, Open

University, 1997, cap. 5 (localizado no sítio: www.educacaoonline.pro.br)

HALL, Stuart- A identidade cultural na pós –modernidade/Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. -Rio de Janeiro: DP&A, 2006

MARTELETO, Regina. Cultura da modernidade: discursos e práticas informacionais.

Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG, BH, v.32, n2. p115-137, jul/dez. 1994

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Riode Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. SãoPaulo: Contexto, 2007.

Ministério da Cultura ISBN -Mitra Diocesana de Petrópolis –os Horrores de Magé 1894- Reproarte gráfica e Editora Ltda – 2002

NASCIMENTO, Flávio Martins e. Ação e informação em centros culturais: um estudo

sobre o Instituto Tomie Ohtake. Dissertação de mestrado. PUC Campinas, Campinas,2004.

PARANHOS JÚNIOR, José Maria da Silva -Barão do Rio Branco, *Efemérides brasileiras* ,publicado de 1891 até 1916 e republicado pelo Sénado brasileiro em 1999

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, p. 11-23, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v27n53/a02v5327.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

Projeto Inventário de bens Culturais Imóveis- Desenvolvimento Territorial dos Caminhos – Singulares do Estado do Rio de Janeiro -Ficha de Inventário Vol.II - Ouro- fev. 2004

REVISTA ATUAL- Ano 1 Número out 2002-

SANTOS, Renato Peixoto do – 1988-A SAGA DOS ULLMANN –(História da cidade de Magé de 1870/1950)- Editora Gráfica Jornal da Cidade Ltda

SANTOS, Renato Peixoto dos – Magé Terra do Dedo de Deus- Composto e impresso nas oficinas do ibge em Lucas,Distrito Federal, Brasil-1957

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, n. 19, Disponível em:

<<http://cadernosociomuseologia.ulusofona.pt>,2009

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VARNHAGEM,Francisco Adolfo de.Visconde de Porto Seguro, *História Geral do Brasil* ed. Melhoramentos

ANEXOS

I - CAPA DO LIVRO - INVENTÁRIO DOS BENS CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE MAGÉ

Estudo realizado em 1983/1984 pelo Núcleo de Patrimônio Cultural da FUNDREM, para elaborar um Plano de Preservação do Patrimônio Histórico e Arquitetônico para os Municípios que integram a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

II - CARTA DE BENJAMIN CONSTANT

Essa carta foi escrita por Benjamin Constant à sua esposa na data de janeiro de 1874 onde relata ter morado em Magé na sua infância.

III – MONUMENTA

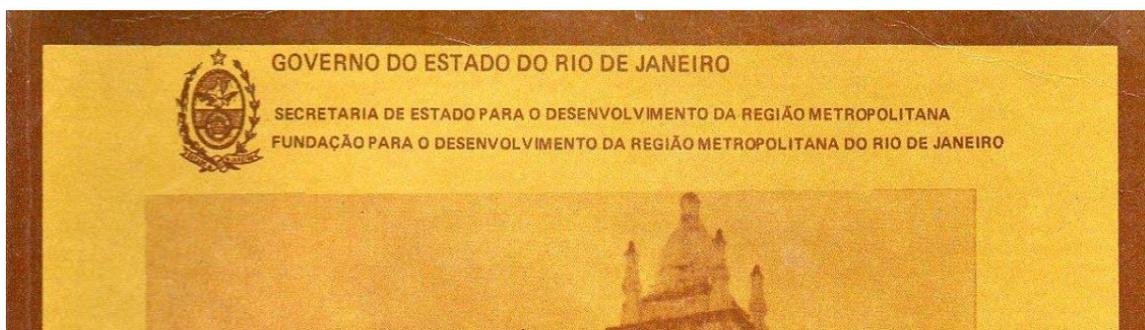
O Monumenta é um programa estratégico do Ministério da Cultura. Seu conceito é inovador e procura conjugar recuperação e preservação do patrimônio histórico com desenvolvimento econômico e social. Ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Sua proposta é de agir de forma integrada em cada um desses locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Além de atividades de capacitação de mão-de-obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, promoção de atividades econômicas e programas educativos.

IV- MAPA ATUAL DO MUNICÍPIO DE MAGÉ

Mapa do Município de Magé cedido pela Secretaria de Planejamento /Setor Técnico da Prefeitura, com os limites municipal atual.

V-ENTREVISTAS COM MORADORES DE MAGÉ SOBRE AS AÇÕES CULTURAIS EM MAGÉ

Entrevistas realizadas com pessoas moradoras do município com depoimentos sobre ações culturais para Magé



PEÇAS JUSTIFICATIVAS

7

SUSTENTABILIDADE

Dinamismo econômico e social das áreas de Projeto, compatível com a sua vocação cultural e capaz de garantir a conservação permanente do patrimônio, independentemente de novos aportes de recursos públicos.

GESTÃO COMPARTILHADA E EFICIENTE

O Programa pressupõe a participação de todos os atores da preservação.

A gestão deve ser compartilhada com os estados e, principalmente, com os municípios, responsáveis diretos pelo ambiente urbano.

A sociedade civil e o setor privado participam da preservação desde a identificação de prioridades até a promoção conjunta de ações e novos investimentos.

SUSTAINABILITY

Economic and social dynamism of the project areas, compatible with their cultural inclination and capacity to ensure the permanent conservation of their heritage, independent of new contributions from public resources.

SHARED AND EFFICIENT MANAGEMENT

The Program presupposes the participation of relevant agencies involved in preservation.

Management must be shared with States and, mainly, with Municipalities, which are directly responsible for the urban environment.

The public and private sectors participate in the preservation starting from the identification of priorities up to the joint promotion of actions and new investments.



PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS

Nome: NELZA MARIA DE AZEVEDO CARION

Idade: 64

Profissão: Serventaria de Justiça

Onde nasceu: Coronel Fabriciano

Tempre morou em Magé? Se não, em qual município? Há quanto tempo mora aqui?

Mora em qual distrito? Quando mudou para Magé, morou no Rio de Janeiro?

Qual o tempo que mora em Magé? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

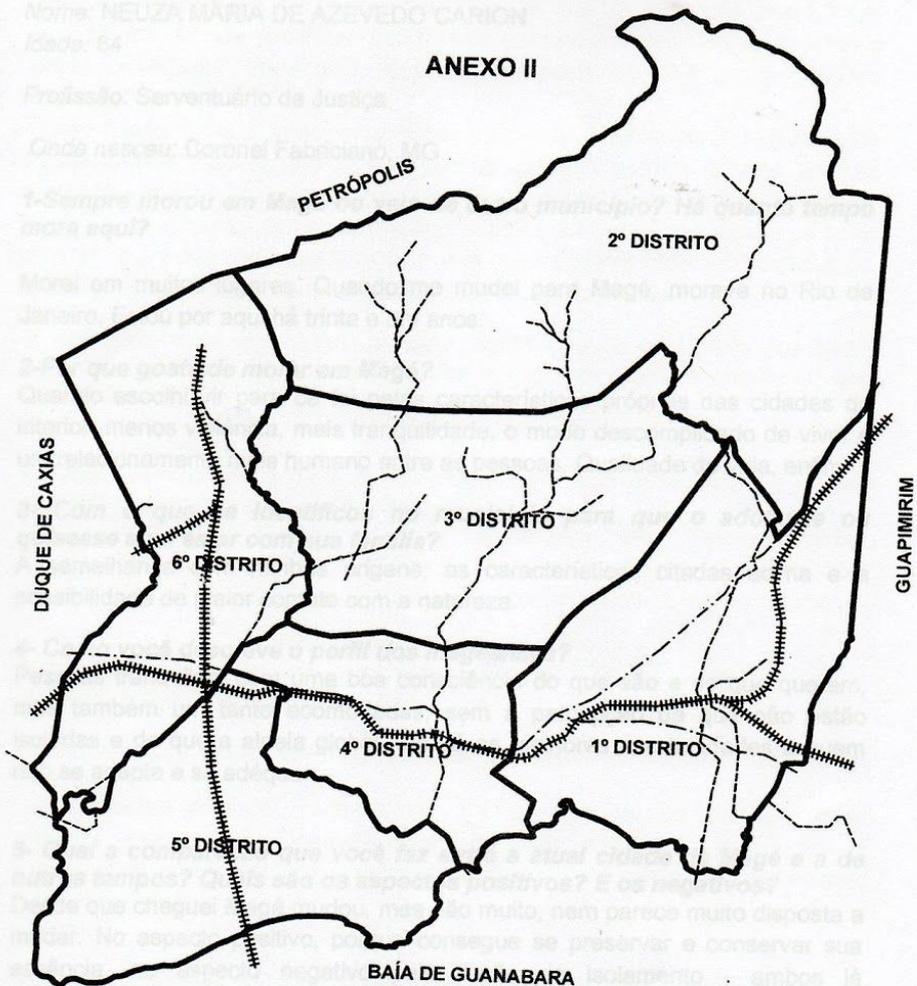
Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?

Qual o tempo que mora em cada distrito? Já trabalhou em algum dos distritos?



1º DISTRITO - MAGÉ	—	A= 67.8 Km ²
2º DISTRITO - SANTO ALEIXO	—	A= 119.9 Km ²
3º DISTRITO - RIO DO OURO	—	A= 65.9 Km ²
4º DISTRITO - SURUÍ	—	A= 32.6 Km ²
5º DISTRITO - GUIA DE PACOBAÍBA	—	A= 52.3 Km ²
6º DISTRITO - VILA INHOMIRIN	—	A= 56.5 Km ²
MUNICÍPIO DE MAGÉ	—	A= 395.0 Km ²



- LIMITES DOS DISTRITOS
- - - - BR- 116 E 493
- - - - RIOS
- + + + + + ESTRADA DE FERRO

PERGUNTAS PARA AS ENTREVISTAS

Nome: NEUZA MARIA DE AZEVEDO CARION

Idade: 64

Profissão: Serventuário da Justiça

Onde nasceu: Coronel Fabriciano, MG

1-Sempre morou em Magé ou veio de outro município? Há quanto tempo mora aqui?

Morei em muitos lugares. Quando me mudei para Magé, morava no Rio de Janeiro. Estou por aqui há trinta e um anos.

2-Por que gosta de morar em Magé?

Quando escolhi vir para cá foi pelas características próprias das cidades do interior: menos violência, mais tranquilidade, o modo descomplicado de viver e um relacionamento mais humano entre as pessoas. Qualidade de vida, enfim.

3- Com o que se identificou no município para que o adotasse ou quisesse aqui estar com sua família?

A semelhança com minhas origens, as características citadas acima e a possibilidade de maior contato com a natureza.

4- Como você descreve o perfil dos mageenses?

Pessoas tranquilas, com uma boa consciência do que são e do que querem, mas também um tanto acomodadas, sem a percepção de que não estão isoladas e de que a aldeia global não dá as melhores oportunidades a quem não se adapta e se adéqua.

5- Qual a comparação que você faz entre a atual cidade de Magé e a de outros tempos? Quais são os aspectos positivos? E os negativos?

Desde que cheguei Magé mudou, mas não muito, nem parece muito disposta a mudar. No aspecto positivo, porque consegue se preservar e conservar sua essência, no aspecto negativo pela ilusão de isolamento - ambos já mencionados na resposta anterior. Mas seus jovens estão cada vez mais sintonizados com o resto do mundo, via internet e pelo número cada vez maior dos que procuram cursos de graduação acadêmica para o desenvolvimento pessoal e profissional, embora faltem políticas educacionais eficazes.

6- Uma de nossas pretensões é produzir um material que sirva de base para posterior inclusão no currículo das escolas municipais tendo em

vista a preservação da nossa história. De que forma você pode mais contribuir? Aonde localizar mais recursos para maior enriquecimento deste conteúdo? Você tem, já criou, ou participou de algum projeto Cultural?

Houve tempo em que participei ativamente do movimento cultural da cidade, de várias formas, mas já não tenho muito a oferecer: perdi o contato com as pessoas e assumi outros compromissos. Ainda tenho algum material – livros e recortes de matérias de jornais da época (anos 80/90) – mas nenhuma fonte original ou resultado de pesquisa, que são conseguidos em bibliotecas, instituições de pesquisa e arquivo históricos e com colecionadores.

7- Você conhece algum fato ou uma edificação no município que tenha sido negligenciado pelas autoridades e que comporia o conteúdo que pretendemos juntar?

Sim, diversos.

8- Quais personagens da sua vida mageense mais influenciaram na sua postura preservativa de nossa memória?

De memória: Dario Navarro e Padre Montezano, Bibe Teixeira, Renato Peixoto dos Santos, Moreno Ullmann (que não conheci pessoalmente), Gustavo Ferraz, os jornalistas Mario Coelho, Rosinha Matuck e Cirlo Cunha.

9- Qual a maior lembrança que você tem da sua infância em Magé?

Vim para Magé já adulta.

10- Qual a sua visão em relação aos movimentos culturais de nossa cidade?

Embora esteja afastada, continuo com a impressão de que são sempre as mesmas pessoas que compõem as diversas entidades, instituições e associações, o que restringe a capacidade de ação e limita o desenvolvimento e a concretização das idéias.

11- Como você vê o nosso patrimônio? Como uma possibilidade de turismo com um projeto bem estruturado de visitas levando em conta a ecologia e preservação ou isto não tem nenhuma importância para o nosso município?

Eu o vejo rico, negligenciado e inexplorado, principalmente por falta de conhecimento. Claro que o investimento - em e para - o turismo é dos mais importantes, mas falta visão, tanto aos administradores quanto aos empreendedores.

12- Você acha importante criar um projeto de conhecimento e preservação do nosso patrimônio a partir da conscientização nas escolas?

Sim. Eu não “acho”, eu acredito que o mais importante ambiente de formação de consciência é a escola, mas não deveria ser de uso exclusivo do

profissional de ensino. Acredito que as instituições da sociedade organizada deveriam se aproximar da escola e participar na construção da cidadania. Um excelente projeto já existente é o PROERD, conduzido pela Polícia Militar.

13-Como cidadão mageense, o que gostaria que nosso município pudesse ter e tivesse condições de oferecer no setor cultural?

Em primeiro lugar, um sonho antigo: espaços culturais distribuídos entre os Distritos, com direito a biblioteca e espaços próprios para exposições/apresentações das diversas formas de manifestação artística e oferecimento de cursos. Em segundo lugar, museus. Em terceiro, o retorno (bem estruturado) das feiras de artesanato. Em seguida, o desenvolvimento de projetos de turismo histórico, cultural e esportivo. Só para começar.

Texto escrito por Neuza Carion em publicação no Jornal Milênio Vip, (sem registro de data)

Muito se tem falado e escrito sobre Magé, quase sempre recriminações e reclamações. Por isto os artigos escritos para este jornal por César Pinheiro Teixeira sobre a busca de uma identidade mageense me afetaram de modo especial, já que há décadas defendo tese semelhante: o que falta a Magé é amor e fé.

Vinda de outras terras, me apaixonei por Magé antes mesmo de me mudar para cá. Talvez pela diferença da cidade grande, talvez pela semelhança com minha cidade natal, na qual jamais cheguei a morar, mas de onde guardo doces e nostálgicas memórias. Magé ainda me encanta, tantos anos depois. Amo o jeito tranqüilo desta cidade quadricentenária, tão segura de si e do que quer. Amo seu apego a algumas tradições e aos laços familiares. Admiro a maneira descomplicada de sua gente levar a vida, concentrando-se no essencial e sendo feliz por ser o que é.

Porque posso olhar "de fora", posso afirmar que Magé tem uma forma muito sua de resistir e permanecer. Não por acaso tem ainda um índice comparativamente baixo de violência, seu trecho da Baía de Guanabara é ainda o menos poluído, o relacionamento entre as pessoas é mais humano, caloroso, solidário e de modo geral independe de status ou poder aquisitivo.

Magé tem um bom orgulho, discreto e firme, que dificilmente permitiria a degradação moral e social tão fácil de observar em ruidosos e modernosos ambientes. Exceto por certa tendência à acomodação, que gera forte resistência a mudanças - mesmo as necessárias ou inevitáveis - muito pouco eu gostaria de ver mudado na alma desta cidade. É preciso reconhecer que há muito a aprimorar, mas também é preciso saber distinguir entre aparência e essência: certamente não gosto de ver miséria, me entristece a fome, me incomoda a falta de saneamento, me preocupa a ignorância, mas isto tudo tem conserto. É doloroso, mas é superfície. Difícil é lidar com indignidade, malícia, egoísmo, indiferença.

Magé tem, sim, uma identidade construída ao longo de mais de quatrocentos anos. Tem um aspecto físico lindo, ainda que maltratado e uma personalidade extremamente agradável, ainda que modesta se comparada às gigantes ao seu redor. Tem tradições e uma história - ainda que estejam sendo esquecidas.

Magé é seu povo que trabalha e a terra que abriga e sustenta - não a imagem de descaso e descalabro que vira notícia. É a memória de tanta gente boa e importante que aqui nasceu, viveu e contribuiu para construir este país. É o futuro possível, se houver amor e fé. Basta crer. Basta querer.

Por tudo isto, lanço aqui um desafio: que no próximo mês de junho, quando Magé completa seus 444 anos, seus filhos e amantes festejem. Que suas instituições, igrejas, escolas, empresas, entidades - a sociedade civil organizada - promova manifestações, exposições, encontros, trabalhos, debates - à parte do que o poder público faça ou deixe de fazer.

Que Magé se veja, se reconheça, se revele, para que todos possam ver e sentir a preciosidade que se oculta sob uma fachada que, sim, precisa mudar. E a seu tempo, no mo(vi)mento certo, mudará.

Nome: Luiz Henrique Aguiar

Idade: 43

Profissão: Funcionário Público e ator

Onde nasceu: Santo Aleixo/Magé

1-Sempre morou em Magé ou veio de outro município? Há quanto tempo mora aqui?

Nasci e cresci em Santo Aleixo, 2º distrito de Magé. Lá morei até os 30 anos. A partir dos 21 anos, praticamente só dormia em Santo Aleixo, porque trabalhava e estuda em outros municípios, saindo muito cedo de casa e retornando muito tarde da universidade. Em Magé, 1º distrito, moro aproximadamente há oito anos.

2-Por que gosta de morar em Magé?

O único motivo que me prende a Magé é o meu trabalho. Posso acordar tarde e ir a pé para o meu trabalho. Considero isso importante porque passei muitos anos da minha vida viajando de ônibus diariamente pra estudar e trabalhar. Hoje, por enquanto, não abro mão desse privilégio.

3- Com o que se identificou no município para que o adotasse ou quisesse aqui estar com sua família?

Como disse na resposta anterior, apenas o trabalho me prende a Magé.

4- Como você descreve o perfil dos mageenses?

Vou tentar responder a essa pergunta a partir de uma visão ampla que tenho sobre a maioria dos mageenses. Acredito que a maioria vive uma vida, seja ela profissional, afetiva, social, cultural e religiosa, dentro das possibilidades que a cidade lhes oferece. Assim, acho que a maioria dos mageenses leva uma vida circunscrita aos limites geográficos do município. Apenas um pequeno grupo de pessoas sai a procura de novas oportunidades, sejam elas profissionais, culturais, sociais e efetivas. Como resultado disso, vejo a população mageense, na sua maioria, como dependentes de ações de outras pessoas ou do poder público pra se desenvolver e ampliar seus horizontes.

5- Qual a comparação que você faz entre a atual cidade de Magé e a de outros tempos? Quais são os aspectos positivos? E os negativos?

Não sou uma pessoa saudosista. Por isso, não tenho aquela velha resposta de que no passado tudo era melhor. Mas, infelizmente, Magé tem caminhado na contramão de desenvolvimento. E considero o poder público municipal responsável por isso. Há algumas décadas atrás, os mageenses viviam em função das grandes fábricas que existiam em Magé, Santo Aleixo, Pau grande, Guapimirim. Toda a população girava em torno disso. Em Santo Aleixo, as fábricas construíram escolas, clubes, cinemas, campo de futebol e casas para os operários. Com a falência dessas fábricas e a ausência do poder público municipal, a cidade passou por um grande esvaziamento econômico e a população foi ficando sem perspectiva. Vivemos isso ainda hoje e constato uma grande carência econômica e social entre a maioria da população.

6- Uma de nossas pretensões é produzir um material que sirva de base para posterior inclusão no currículo das escolas municipais tendo em vista a preservação da nossa história. De que forma você pode mais contribuir? Aonde localizar mais recursos para maior enriquecimento deste conteúdo? Você tem, já criou, ou participou de algum projeto Cultural?

Além de ser formado em Letras, sou também ator profissional. Nunca lecionei, mas já participei de três projetos culturais em Magé, envolvendo o teatro. Mas como os projetos não tinham apoio eficaz do poder público ou outras organizações, não alcançaram êxito. Mas continuo sonhando com projetos culturais para Magé onde eu possa contribuir.

7- Você conhece algum fato ou uma edificação no município que tenha sido negligenciado pelas autoridades e que comporia o conteúdo que pretendemos juntar?

Como nascido e criado em Santo Aleixo, lamento profundamente a destruição do conjunto arquitetônico que era formado pelas casas dos operários. O conjunto era formado por casas geminadas, todas branquinhas e de janelas azuis. Mas foi tudo modificado pelos moradores. Se houvesse poder público municipal, aquele conjunto arquitetônico seria tombado e preservado. A fábrica de tecidos em Santo Aleixo também é um prédio antigo belíssimo que está se perdendo com o tempo. A igreja católica de Andorinhas também foi destruída. Imagino quantos prédios também se perderam por toda Magé.

8- Quais personagens da sua vida mageense mais influenciaram na sua postura preservativa de nossa memória?

Não há uma pessoa propriamente dita, mas me lembro de um grupo de pessoas em Santo Aleixo que criaram durante o centenário do distrito pra promover diversos eventos pra comemorar a data. Ficaram conhecidos como Grupo Centenário.

9- Qual a maior lembrança que você tem da sua infância em Magé?

Como disse anteriormente, não sou saudosista. Mas me lembro que passava boa parte do dia na escola, envolvido com várias atividades, como centro cívico, feira de ciências, e outras atividades.

10- Qual a sua visão em relação aos movimentos culturais de nossa cidade?

Não sei se estou muito correto, mas me parece que quando há algum movimento cultural em Magé é sempre associado às escolas. E vejo também uma certa idealização das pessoas em relação a cultura. Tratam sempre a cultura como uma coisa séria, como se a cultura não se ocupasse também de fatos e manifestações simples. Por outro lado, como sendo uma cidade provinciana, repleta de igrejas, percebo que as pessoas se deixam limitar por causa de valores religiosos, comprometendo assim uma diversidade cultural.

11- Como cidadão mageense, o que gostaria que nosso município pudesse ter e tivesse condições de oferecer no setor cultural?

Espaços públicos, não necessariamente abertos, mas públicos no sentido de serem criados pelo poder público e de acesso a toda a comunidade, para que

as diversas manifestações culturais (dança, teatro, música, pintura, artesanato) pudessem florescer lentamente mas proficuamente

Nome: Maria do Socorro do Socorro Guerra Falcão

Idade: 63

Profissão: Professora

Onde nasceu: Fortaleza

1- Sempre morou em Magé ou veio de outro município? Há quanto tempo mora aqui?

Morei em muitos lugares de outros Estados: Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro.

2- Por que gosta de morar em Magé?

Aqui me desenvolvi, fiz o Curso Normal e mais tarde me dediquei ao Magistério. As funções exercidas foram muito prazerosas. A cidade era muito tranquila.

3- Com o que se identificou no município para que o adotasse ou quisesse aqui estar com sua família?

Aqui viviam meus pais, me casei, tive minhas duas filhas. E foi bom criá-las aqui, a cidade como já disse, anteriormente, era muito tranquila e tinha espaço para exercer minha profissão. Com o passar do tempo veio a paixão pela riqueza cultural do Município.

4- Como você descreve o perfil dos mageenses?

Povo pacato, acolhedor, pessoas inteligentes.

5- Qual a comparação que você faz entre a atual cidade de Magé e a de outros tempos? Quais são os aspectos positivos? E os negativos?

Mudou bastante para pior:

-aspectos positivos – a localização geográfica, perto de vários Municípios importantes.

_ a mudança, recentemente, do quadro político

-aspectos negativos -saneamento precário, atendimento médico e hospitalar também precários, a rodovia de acesso sem pavimentação com muitos riscos de acidentes na estrada, necessidade de investimento no comércio, indústrias, agricultura proporcionando emprego aos mageenses, nossos patrimônios culturais mais valorizados.

6- Uma de nossas pretensões é produzir um material que sirva de base para posterior inclusão no currículo das escolas municipais tendo em

vista a preservação da nossa história. De que forma você pode mais contribuir? Aonde localizar mais recursos para maior enriquecimento deste conteúdo? Você tem, já criou, ou participou de algum projeto Cultural?

Durante a minha vida „profissional procurei contribuir criando o projeto “Magé vista pelas comunidades”, que foi desenvolvido nas turmas do Curso de Formação de Professores.

Como Presidente da FECM participei do RIOCULT/95 um evento internacional promovido pela Fundação Cesgranrio, e Magé ocupou o stand 57 onde os artesãos, artistas e empresários de Magé mostraram e negociaram seus trabalhos.

Particpei na criação do Conselho Municipal de Cultura em 1995 e do lançamento do folder “Guia Histórico Cultural de magé” e do projeto desenvolvido nas escolas municipais “Magé visto pelas crianças”.

7- Você conhece algum fato ou uma edificação no município que tenha sido negligenciado pelas autoridades e que comporia o conteúdo que pretendemos juntar?

Lamentavelmente, existem vários e o descaso é de longa data, talvez irrecuperáveis, porém tenho esperança de que ainda podemos recuperar:

-a Estrada de Ferro Barão de Mauá(1854 em Guia de Pacobaíba), a Capela de Nosso Senhor do bonfim (1874 em Magé -1º distrito), o Porto Estrela e o Poço Bento do Beato Anchieta (1570 em Magé 1º distrito)

8- Qual a maior lembrança que você tem da sua infância em Magé?

Os desfiles escolares acompanhados da banda Grêmio Musical Mageense, dos carnavais maravilhosos, ir aos cinemas existentes na cidade ,na época, formatura dos cursos e o momento que conheci e tomei consciência da história da cidade de magé.

10- -Como você vê o nosso patrimônio? Como uma possibilidade de turismo com um projeto bem estruturado de visitas levando em conta a ecologia e preservação ou isto não tem nenhuma importância para o nosso município?

Temos um prédio onde funciona a Prefeitura de Magé, que no meu entender deveria funcionar com uma biblioteca onde pudéssemos ter um banco de dados com todos os documentos relacionados a história do município além do acervo de livros para a comunidade consultar , com uma sala de teatro e uma sala de cinema.

11-Como cidadão mageense, o que gostaria que nosso município pudesse ter e tivesse condições de oferecer no setor cultural?

Ao me aposentar , comecei a viajar para outros Municípios, quase que morando,por isso, estou um pouco desatualizada neste aspecto, mas esta entrevista trouxe de volta recordações que com certeza me farão buscar conhecimentos a respeito dos movimentos culturais antigos e novos do nosso Município.

